

Tão velhas quanto a lua:
Baby Suggs, Thérèse e Consolata nos romances de Toni Morrison¹

João de Mancelos
(Universidade Católica Portuguesa)

Palavras-chave: Toni Morrison, Baby Suggs, Thérèse, Consolata, velhice, fases da lua, magia

Keywords: Toni Morrison, Baby Suggs, Thérèse, Consolata, old age, phases of the moon, magic

1. Introdução

Que têm em comum Ártemis, Selene ou Arianrhod? A resposta está no céu — literalmente. Apesar de pertencerem a mitologias tão diversas quanto a grega ou celta, todas se associam à lua. Para os gregos, Ártemis era a personificação do satélite que vagueia sobre as montanhas, e uma caçadora tão selvagem quanto as feras que perseguia (Grimal, 1999: 47-48). Silene, irmã de Hélio, era a deusa da lua, cujos raios desciam sobre os mortais como os seus beijos sobre o amado Endimião. Entre os celtas, Arianrhod ou “círculo prateado”, é a mãe-lua, a senhora do céu e das marés.

Na generalidade das civilizações, as etapas da vida da mulher — virgem, mãe e velha — correspondem a três fases da lua: crescente, cheia e minguante. Nas lendas, a donzela é geralmente uma guerreira ou uma caçadora casta; a mãe é por vezes a prostituta, duas expressões da sexualidade feminina; finalmente, a idosa é associada à experiência mas também à feitiçaria (Shahrukh, 1997: 110-111). Note-se como o mito da mulher velha e mágica, sobrevive, por exemplo, na imagem da bruxa medieval, cujo caldeirão se assemelha a um útero ou a uma lua negra.

Os biólogos explicam facilmente esta identificação entre a mulher e o nosso satélite com a coincidência entre os ciclos de fertilidade feminina e as fases lunares. Por seu turno, na linha de Carl Jung e Erich Neumann, os psicanalistas apontam para um arquétipo da Grande Mãe, que inclui os opostos (o bem e o mal, a criação e a destruição) e se projeta em objetos circulares como a face da lua cheia ou a maçã bíblica (Shahrukh, 1997: 19).

Ao longo dos romances da escritora afro-americana Toni Morrison, o leitor trava conhecimento com diversas negras que, tal como a lua, são velhas, mágicas e sábias. O objetivo

¹ Mancelos, João de. “Tão velhas quanto a lua: Baby Suggs, Thérèse e Consolata nos Romances de Toni Morrison”. *A luz de Saturno: Figurações da velhice*. Org. António Manuel Ferreira. Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, 2005. 193-199. ISBN: 972-789-159-4.

desta comunicação é demonstrar a importância e a singularidade destas personagens na ficção morrisoniana, encontrando pontos de contacto entre elas. Para tanto, selecionei três figuras: Baby Suggs (do romance *Beloved*, 1987), Thérèse (de *Tar Baby*, 1981) e Consolata (de *Paradise*, 1998).

Na minha análise, teço uma abordagem literária e antropológica, e recorro aos romances de Morrison (por ordem cronológica do tempo do enredo), bem como a uma série de textos críticos recentes.

2. Três velhas mágicas:

2.1. Baby Suggs, a sacerdotisa

A primeira personagem importante para o meu estudo é Jenny Whitlow, mais conhecida na comunidade negra por Baby Suggs ou Avó Baby. O seu oitavo filho, Halle, comprou-lhe a liberdade, trabalhando incessantemente, Domingo após Domingo, para os plantadores da região. Após uma vida de escravatura e maus-tratos, Baby encontra ainda forças para viajar até Cincinnati, onde cuidará não apenas da sua nora, Sethe, mas também de todos os negros que aí habitam.

Neste contexto, Baby encarna o arquétipo da mulher mágica: é velha, maternal, e santa. Maternal, porque ao longo dos anos, gerou oito filhos de seis homens diferentes, como as figuras das Vénus paleolíticas europeias, de grandes seios, ventres grávidos e nádegas cheias, que simbolizavam a fertilidade feminina (Shahrukh, 1997: 12). Ignorando os seus desejos ou paixões, os plantadores obrigaram Baby a ter relações sexuais com vários homens diferentes para aumentar a população escrava e, conseqüentemente, os rendimentos.

Este controlo do corpo humano transforma-o num objeto comercializável a qualquer instante: “Anybody Baby Suggs knew, let alone loved, who hadn’t run off or been hanged, got rented out, loaned out, brought up, brought back, stored up, mortgaged, won, stolen or seized” (Morrison, 1988: 23). Vendida inúmeras vezes, deslocada de propriedade em propriedade, Baby perdeu o contacto com os filhos, como a terra que é despojada dos frutos que gerou. Talvez por isso, tenha transferido o afecto maternal para a família que lhe restava — Sethe (a nora) e Denver (a neta) — e para a comunidade negra. Como afirma Marilyn Mobley, “for Morrison, the word ‘mother’ refers not simply to a biological relationship but to those women who provide the nurturing associated with mothering” (Mobley, 1994: 139).

O banquete oferecido por Baby a noventa pessoas é um exemplo perfeito da sua prodigalidade. O repasto, destinado a celebrar os 28 dias da chegada de Sethe ao Ohio, é um ato extravagante, que impressiona a família e os vizinhos. Alguns comparam mesmo este gesto

à multiplicação dos pães e dos peixes, operada por Jesus. No contexto antropológico, a festa recorda as cerimónias de celebração da terra, a seguir à época das colheitas, em África e na Ásia.

Ao longo do romance *Beloved*, várias personagens apelidam Baby de santa e elogiam os seus dons espirituais. A velha negra cumpre as funções de uma antiga sacerdotisa, ao orientar os rituais xamanistas que ocorrem numa clareira, aos Domingos à tarde. Estas cerimónias consistem numa dança que celebra o sentido comunitário e devolve aos afro-americanos o orgulho, desgastado durante toda semana pela discriminação. Jennifer Fitzgerald nota as similitudes entre este bailado e as modernas terapias de grupo, onde os problemas são curados com a ajuda de indivíduos que já passaram por experiências semelhantes e que, por isso, estão em condições de dar apoio espiritual aos outros (Fitzgerald, 1998: 101).

A dança é também uma encenação de *renascimento*: mulheres e crianças participam, ora carpindo os antepassados ora rejubilando pelo facto de estarem vivos e serem livres. Nesta linha, tal rito não desmerece ser comparado às cerimónias tribais de exaltação da terra: representando a clareira, o lugar de origem, e Baby, a feiticeira da tribo. O objetivo é idêntico: “Transmitir, exprimir e fortalecer o facto fundamental da unidade local e da unidade de parentesco do grupo de pessoas que descende de um antepassado comum” (Malinowski, 1988: 119).

A narradora releva outras qualidades excecionais de Baby: “Giving advice; passing messages; healing the sick, hiding fugitives, loving, cooking, cooking, loving, preaching, singing, dancing and loving everybody like it was her job and hers alone” (Morrison, 1988: 137). Em suma, Baby, com todo o estatuto que a tradição africana e afro-americana reserva para os mais velhos, é de tal forma importante para o equilíbrio do grupo que, quando morre, a sua casa fica assombrada, e a comunidade torna-se órfã, qual tribo sem feiticeiro.

2.2. Thérèse, a guardiã

Thérèse é uma velha nativa de Dominique, que habita nas páginas do romance *Tar Baby*. Contrariamente a outras mulheres férteis e mágicas da produção morrisoniana, nada indicia no enredo que esta personagem tenha sido mãe. E no entanto, Thérèse é uma significativa representante da fertilidade telúrica e possui dons sobrenaturais, dignos de uma feiticeira de África. É capaz de identificar o cheiro das míticas mulheres dos pântanos; de escutar as conversas das formigas; e até de pressentir a presença de pessoas, antes de as vislumbrar.

Thérèse é também uma guardiã da ilha Isle des Chevaliers, nas Caraíbas, e cuida da terra com o mesmo desvelo e sapiência que devota aos seres humanos. Aos sessenta anos, depois ter transposto a idade fértil, Thérèse tem ainda seios mágicos, cheios de leite, com que amamenta

os recém-nascidos da comunidade: “Alma talked about the two little French girls she took care of one day when the governess ran away, and the hundreds of French babies who used to nurse at her magical breasts” (Morrison, 1983: 95-96). Nesta linha, não é difícil associar a personagem à terra-mãe, e em particular às esculturas das deusas paleolíticas, a que fiz referência.

Thérèse também alimenta os adultos com os frutos da ilha. Proporciona, por exemplo, alimento ao fugitivo Son, *antes* mesmo de o conhecer, ao dar instruções ao sobrinho Gideon para que este deixe a janela aberta. Mais tarde, quando Son a visita pela primeira vez, é brindado pela idosa com uma mesa farta, símbolo da generosidade da terra, e que recorda a prodigalidade do banquete oferecido por Baby.

Thérèse não é apenas uma mulher que alimenta o corpo das crianças com o seu leite materno ou os adultos com frutos exóticos; é ainda uma contadora de histórias capaz de *nutrir* o imaginário coletivo, trave-mestra da cultura comunitária. À semelhança das velhas africanas, que tudo sabem porque muito experimentaram ao longo da vida, esta personagem transmite o passado às gerações vindouras, através das lendas: “The more she invented the more she rocked” (Morrison, 1983: 92), observa Son, um dos seus ouvintes prediletos.

Inventiva e versátil, mentirosa e lunática, Thérèse rivaliza com a própria autora, ao narrar episódios, ao inventar e recriar mitos, ao descobrir alcunhas bem-humoradas para as personagens (Page, 1995: 118). Trata Son por “chocolate-eater”; Ondine por “machete-hair”; Sydney por “bow-tie”; Jadine por “fast-ass” (Morrison, 1983: 92). Segundo Evelyn Hawthorne, numa interpretação que perfilho, tanto o nome Thérèse como a cegueira da mulher levam-nos a associá-la a Tiresias, o lendário sábio e adivinho (Hawthorne, 1988: 100). Esta subtil associação de nomes, onde rumorejam outros mitos e outras civilizações, é uma das marcas do estilo morrisoniano. Ao ligar as suas personagens à teia dos mitos (gregos ou latinos, africanos ou ameríndios) a autora expande a dimensão das personagens e desafia a capacidade interpretativa do leitor.

2.3. Consolata, a curandeira

Como a lua, esta personagem do romance *Paradise*, apresenta três faces visíveis. A Connie de nove anos é salva de uma vida de prostituição nas ruas de uma cidade, possivelmente do Brasil, por Mary Magna, e levada para um Convento, nos Estados Unidos. A Connie adulta envolve-se num relacionamento com Deacon, um dos líderes da cidade próxima de Ruby, e é amargamente abandonada. Tal como Thérèse, a Connie idosa é quase cega mas possui o dom da visão mística e a capacidade de entrar no espírito dos doentes para os curar.

É precisamente por volta dos setenta anos que esta personagem encontra o seu destino

e missão. Transforma-se em Consolata Sosa, a curandeira, e leva a cabo rituais terapêuticos destinados às mulheres maltratadas que se acolheram no Convento: alcoólicas, espancadas, infanticidas, abusadas.

O objetivo das cerimónias é exorcizar a dor psicológica e reconciliar o corpo com a alma. Nas palavras de Consolata: “Eve is Mary’s mother, Mary is the daughter of Eve” (Morrison, 1999: 263). A maioria das civilizações antigas e um número considerável de comunidades étnicas atuais acreditam que a doença resulta de uma fractura na harmonia psicossomática. Daí a necessidade de uma cura holística, que se opera simultaneamente sobre o corpo e sobre o espírito. Como afirma o folclorista Angel Vigil:

Health for the *curandera* was a state of balance, a life in harmony. The *curandera* treated the social, psychological and physical health of the sick and infirm. By combining the knowledge of the herbal, natural treatments, with the attention given to the patient’s psychological health, the *curandera* affected a physical and mental healing which contributed to both an individual’s and a community’s health. (Vigil, 1998: 62)

À semelhança das cerimónias realizadas por Baby na clareira, também estes rituais misturam elementos do catolicismo e da feitiçaria. Primeiro, Consolata e as mulheres do Convento limpam escrupulosamente o chão da cave até as pedras ficarem como os seixos do mar, para a purificarem. Em seguida, acendem uma série de velas, dispostas em círculo, assinalando deste modo o local sagrado. Depois, despem-se, num sinal de despojamento dos bens terrenos, e deitam-se na posição mais confortável que o piso frio permite. Consolata desenha a silhueta dos vários corpos no chão, delimitando assim o direito ao espaço e ao sagrado de cada uma das mulheres maltratadas. Consolata inicia o discurso terapêutico, ao partilhar com as outras mulheres as suas memórias e sonhos. Fala-lhe de peixes cor de ameixa que nadam junto de crianças; de catedrais perfumadas, onde os deuses se sentam ao lado dos fiéis, de serpentes encantadas pela poesia.

Nas sessões seguintes, as mulheres segredam recordações traumáticas e, como num sonho lúcido, visitam as memórias umas das outras. Mavis, por exemplo, narra como deixara, involuntariamente, os filhos gémeos sufocarem até à morte no banco de trás do carro. As restantes mulheres mergulham no seu sonho, acariciam os dois bebés presos no *Cadillac*, adormecem-nos, e suavizam a dor da infanticida. Ao longo dos rituais, a velha Consolata desassombra-as, restitui-lhes a dignidade, repara os danos do passado.

O alimento oferecido por Consolata às exiladas no Convento não é apenas de ordem espiritual. Como Baby e Thérèse, também nutre o corpo, graças às ervas e frutos que brotam no

jardim paradisíaco. Os seus maiores clientes são os negros de Ruby, a cidade vizinha, que visitam o convento para comprar as afamadas tartes, galinhas, nozes, pêssegos e especiarias.

O clímax do romance revela toda a extensão do poder espiritual de Consolata. Em Ruby, os homens “demonizam” as mulheres do Convento, acusando-as de práticas de bruxaria e responsabilizando-as pelas desgraças que se abatem sobre o povoado: bebês nascidos com deficiências, casais desavindos, ou jovens rebeldes (Matus, 1998: 160). A coberto da noite, um grupo de nove negros invade o Convento, e a tiros de caçadeira martiriza as habitantes, incluindo a velha Consolata.

Nas últimas cenas do romance, os corpos desaparecem, para espanto dos assassinos; mas as almas das mulheres ficam e visitam neste mundo os familiares e as casas onde viveram. Consolata regressa a uma praia, talvez da infância, e repousa a cabeça no colo de uma mulher negra como carvão, significativamente chamada Piedade.

Paradise subverte o romance de construção, ao mostrar as experiências e pensamentos das personagens depois de estas falecerem. A existir vida para além da morte, a velhice é o estado *mais próximo* do nascimento, numa eternidade sem início (e, portanto, sem o matemático “menos infinito”), mas positivamente sem fim. Sinto-me tentado a subverter a célebre frase de Charles Ramus (“É porque tudo tem um fim que tudo é tão belo”). Antes, parece-me, tudo é belo porque sustentado na infinidade: a do instante, como a maçã Keats; a do renascimento, como a folha de erva de Whitman; ou que nos estende um cais para além da dor, como a Consolata de Morrison.

3. Conclusões

Baby, Thérèse e Consolata: o que partilham estas três personagens? São mulheres, negras e velhas, aparentemente iguais a tantas outras. Contudo, o seu recorte psicológico, a identidade negra e a ressonância mítica dão-lhes alma. São seres de papel e tinta que enfeitiçam o leitor, mesmo depois de este fechar as capas dos romances onde habitam. No contexto da comunidade, Baby, Thérèse e Consolata nutrem os mais necessitados não apenas com alimentos, mas também com as lendas e tradições, elementos identitários e culturais. Revelam-se protetoras das gentes e zeladoras da terra, que respeitam e veneram. Finalmente, cada qual à sua maneira, todas possuem dons mágicos imemorialmente associados às deusas: Baby sabe curar os males do espírito; Thérèse conhece os mistérios dos animais; Consolata viaja entre os vivos e os mortos, e desempenha rituais de exorcismo para as habitantes do convento. As mulheres velhas e mágicas revelam assim a *quarta* face da lua: a escuridão do mistério, do pressentido e do que estando lá não se vê.

Bibliografia

- Fitzgerald, Jennifer. "Psychoanalysis and Discourse in *Beloved*". *Toni Morrison: Contemporary Critical Essays*. Linden Peach, ed. New York: St. Martin's, 1998. 110-127.
- Grimal, Pierre. "Artémis". *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Algés: Difel, 1999. 47-48.
- Hawthorne, Evelyn. "On Gaining the Double-vision. *Tar Baby* as a Diasporean Novel". *Black American Literature Forum* 22 (1988): 97-107.
- Husain, Shahrukh. *Divindades Femininas. Criação, Fertilidade e Abundância, a Supremacia da Mulher, Mitos e Arquétipos*. Lisboa: Temas e Debates, 1997.
- Malinowski, Bronislaw. *Magia, Ciência e Religião*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- Matus, Jill. *Toni Morrison*. Manchester: Manchester UP, 1998.
- Mobley, Marilyn Sanders. *The Folk Roots and Mythic Wings in Sarah Orne Jewett and Toni Morrison: The Cultural Function of Narrative*. Baton Rouge: Louisiana State UP, 1994.
- Morrison, Toni. *Tar Baby*. New York: Penguin, 1983.
- . *Beloved*. New York: Penguin, 1988.
- . *Paradise*. New York: Penguin, 1999.
- Page, Philip. *Dangerous Freedom. Fusion and Fragmentation in Toni Morrison's Novels*. Jackson: UP of Mississippi, 1995.
- Vigil, Angel. *Una Linda Raza: Cultural and Artistic Traditions of the Spanish Southwest*. Golden: Fulcrum, 1998.

Resumo

Nos romances de Toni Morrison, o leitor trava conhecimento com diversas negras que, tal como a lua, são velhas, mágicas e sábias. O objetivo deste ensaio é demonstrar a importância e a singularidade destas personagens, encontrando semelhanças. Para tanto, analiso três figuras: Baby Suggs, Thérèse e Consolata; efetuo uma abordagem antropológica aos romances de Morrison; e recorro a vários ensaios críticos.

Abstract

In Toni Morrison's novels, the reader meets several African American women who, like the moon, are old, magic and wise. The main objective of this paper is to show the significance and singularity of these characters and find similarities between them. In order to do so, I analyze three characters: Baby Suggs, Thérèse and Consolata; I use an anthropological approach to Morrison's novels; and I resort to some critical texts.